

CORDA BAMBÁ

Elias Paz e Silva

Na corda bambá há muito. Artista de circo. Malabarista. A vista erguida sobre a cinza sem cor da tarde. Mãos retesadas sob o bolso. Lembranças fragmentadas na cabeça, muitas. Um caso de amor. Um caso de dor. Paixão latente. Coração tic-tac.

A rua. Povo indo e voltando. Trânsito maluco. Faces mudas, pedras. Todos no caminho. Todas. Todas. Todas. Encarar a vida de frente ou dar a bunda pra ela. Das duas, uma. As duas. Nenhuma.

Sinal fechou.

- Antes que seja tarde, bicho.

- Qualé? Deixa desse negócio de piração. Frescura existencial. A bomba vai resolver tudo. Há mísseis no ar, por aí, encima, embaixo. Não há como escapar.

- É isso, bicho. Nada de novo no viver. Essene.

- Mania de poesia, malandro. Nada disso, negócio é suar no batente até que tudo se foda. Dar sentido ao sem sentido, falei?

- Não.

Ergue os olhos ávidos, contemplando o copo vazio. É sempre bom lembrar que um copo vazio está cheio de um rosto sombrio. Ou da cachaça. Brahma. Antártica.

Lágrima rolando na face.

As lembranças mortas. As cicatrizes que o tempo vai abrindo, sangrando. Lição 01: aprender a estancar. O Sangue. Deitado na cama, olho no telhado. Um gato assustado. Rumores de conversas, grilos. A voz potente do locutor da televisão. Mais um avião caiu em Beirute. Bombardeado. Na África do Sul, racismo brabo. Talvez até fosse bom sonhar. Talvez. Mas a mulher de rosto irreconhecível pinta sempre no sonho. Nos sonhos, que não são muitos.

Chove. É incrível chover em junho por estas bandas.

Nada como um dia após o outro. Cidadão do mundo. Tantos ídolos mortos. Mas a geração não é a mesma. Não há Torquato, nem Joplin, nem Hendrix, nem Lennon. Merda. Vomita na pia mal amanhece o dia. Mija. Caga.

E vai à rua.

- Herdamos dos anos sessenta toda a piração, saca? A gente não viveu aquela época, mas ela tá aqui, é latente. No sangue. Coágulo.

- Não, não, companheiro. Os tubarões do ensino apenas mudaram de dentadura, saca? Nada de novo no viver, no ver, no vir, no ouvir.

- Merda.

- Faz tempo que o tempo anda pra trás, já sacou?

- Não, não: ele corre demais.

- Esse papo tá brabo, bicho...

- Nietzsche, já leu?

- Deus me livre e guarde!

- Merda.

Os copos cheios, derramando. Pelas bordas.

O apito. O salto. Porra de vida. Nem se pode mais andar sossegado. Teresina não é o que desatina. Mania de mexer nas palavras. Trocá-las. Invertê-las. Olho azul contra o céu. Vontade súbita de chupar um picolé.

A bomba vai resolver tudo.

A pomba.

Apenas.

Nada de choro. Nada. O rio, as águas turvas.

Uma esperança se agarrando às vísceras.

.....

SILVA, Elias Paz e. In: Outros contos piauienses. Teresina, Projeto Petrônio Portella, 1986. Páginas 83-84.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/corda-bamba>